

Carta de Vladimir Herzog a Tamás Szmrecsányi

Londres, 7 de janeiro de 1966

Londres, 7-1-66

Caríssimos Tamaelus.

Clarice e eu acabamos de retornar de Paris, onde passamos oito dias, inclusive o Ano-Novo (tomando champanhe e cuscuz na casa de Antonio Candido). Como vocês podem imaginar, gostamos imensamente, apesar do mau tempo que não permitiu passeios mais “audazes”. Tivemos sorte em ter à mão a Cleusa e seu atual namorado *avec sa voiture*. Eles passaram o Natal em Londres e, na volta a Paris, nos levaram. Em Paris, instalamo-nos num hotel barato no Quartier Latin, comíamos às vezes no restaurante universitário e com isso reduzimos ao máximo nossas despesas. Apesar disso, gastamos um bom tutu, pois a França é um país caro. Mas valeu a pena. Não fomos a muitos museus (apenas Cluny, Sainte Chapelle e Versailles) pois quisemos aproveitar a cidade propriamente dita. Em todo caso, gostamos, principalmente porque Paris é uma cidade tão radicalmente diferente de Londres, que não tem quase nenhuma vida noturna “exterior”. Além disso, topa-se com gente conhecida ou interessante a todo momento e este é, de certa maneira, também um modo interessante de conhecer um país. Há muitos brasileiros ali (dizem que mais de 2 mil) e cada vez chega mais gente, inclusive do Nordeste (exilados, que se ajudam mutuamente). Nosso único contratempo foi a Clarice não se ter sentido muito bem nos últimos dias. Agora está fazendo uns exames médicos, havendo uma possibilidade hipotética de que estejamos às vésperas de multiplicar-nos... em todo caso, se isto se confirmar, avisarei.

Quanto às coisas que perguntam em sua carta de 26/12, acho que: 1) Recomendei o envio da conferência do Arraes às pessoas e publicações em questão não para ser publicada (pois provavelmente não o será) mas simplesmente como *material de informação*, objetivando com isso “ampliar os horizontes” das citadas pessoas, jornalistas, publicações etc. Este trabalho é importante (fazemo-lo também aqui) pois isso influenciará de algum modo a visão que se tem aí da nossa realidade e nossos problemas e (em se tratando de jornais ou jornalistas especializados) serve de aporte e aparecerá futuramente nas interpretações que se farão desses problemas. Recomendo, por isso, a remessa do dito material (e outros que lhes enviaremos futuramente) principalmente ao *New York Times* (endereço ao redator de assuntos latino-americanos) e à revista *Monthly Review* (ainda que não o publique. A revista é também um centro de estudos para o qual esse material pode ser útil). Aqui na Inglaterra não conseguimos dar maior divulgação à passagem do Miguel mas tivemos vários contatos com jornalistas que procuravam satisfazer apenas sua curiosidade sobre o “bicho-papão” das esquerdas brasileiras. E saíram satisfeitos, isto é, informados. E isto evidentemente contribui para aferir um pouco seu “termômetro” de análise da nossa realidade.

E é este o trabalho para o qual pedimos a ajuda de vocês porque entrosando-nos poderemos funcionar melhor. Falamos também com o Celso Furtado que fez uma conferência interessantíssima em Londres sobre o papel dos EUA na América Latina (veja *Le Monde* de 5-1-66 e segs.). Se quiser o texto completo da dita, lhe mandamos. O homem é formidável, com uma visão mais

lúcida do que nunca do problema do imperialismo e das perspectivas para nosso “amado país”. Sobre isto ele fez um estudo em Yale, que sairá publicado brevemente na França; vocês chegaram a falar com ele em Nova York? (Ele diz que para os EUA não volta mais, pois saiu enjoado de lá).

Sobre o que vocês me contam do Farkas, não me espanta. O homem é um “grosso” e quando passou pela Europa fez uma série de imbecilidades, inclusive prejudicando seus próprios interesses comerciais com as fitas. É um diletante milionário; o problema é que a continuidade do trabalho de muitos amigos meus está em jogo caso ele não conseguir vender os filmes. Quanto a estes, não entrarei no mérito de cada um, mesmo porque sou uma voz suspeita, já que participei da realização de dois deles e sou muito ligado à turma toda. Respeito muito a sua opinião (aliás, muita gente achou o mesmo) mas, de minha parte, gosto dos quatro por diferentes razões: uns por uma questão de “acabamento” profissional (*Memória do cangaço*), outros por sua simplicidade e modéstia de intenções (*Escola de samba*). Mas o mais importante, a meu ver, é *Viramundo* não só pela natureza do problema que aborda, mas também pelo método utilizado em sua realização (pesquisas prévias exaustivas, seleção valorativa dos dados colocados em função de uma demonstração dialética) fato sem precedentes na história do documentário social brasileiro. Pode ser (e acredito que assim seja) que o resultado final não correspondeu às expectativas, que o filme acabou resultando não muito claro (principalmente para as plateias estrangeiras) mas quando se tem em mente que este tipo de cinema (ou de arte) é um cinema participante de um processo de transformação social percebe-se que mesmo as falhas (inevitáveis) tornam-se virtudes desde que, naturalmente, o autor ou autores tenham consciência do caráter “científico” do seu instrumento de expressão e não queiram fazer obras “belas” ou “acabadas” em si mesmas. É o caso de Geraldo Sarno (diretor de *Viramundo*). Daí que eu confio nele, e em sua fita que abre caminhos, provoca raciocínio e discussão. Enfim, é fértil, porque *contribui* para o conhecimento objetivo de uma realidade ou um elemento dela.

Ficamos satisfeitos em saber que a Maene conseguiu a bolsa e torcemos para que o ilustre pai de família também consiga prolongar a sua. A Clarice agora vai entrar numa escola de inglês para afiar a língua e em seguida tentará seguir algum curso na London School (talvez uma pesquisa qualquer) antes de começar, em outubro, o de pós-graduação. Receberam a última remessa de livros pedidos (um da lista do Thamas e outro para a Maene, mandados por via marítima, há mais de um mês)? Como foram os papos com Ianni e Florestan? (Por favor, mandem-nos o endereço do F. F. pois a Clarice precisa de uma carta de recomendação para entrar na L. School. Já a pedi na carta ao Ianni mas até agora não recebemos nada e já está na hora da matrícula dela). Se possível, transmitam a ele verbalmente esse pedido. Bem, minha gente, quisera prolongar-me mas o papel acabou. Abrações do

Vlado.

[Na margem esquerda:] Informação para deixá-los com água na boca: em fevereiro devo ir (só) à Itália, a convite do Festival de Florença (cinema documentário social); Pacheco & Cia. vão passar férias em março na Espanha. E vocês, quando aparecem?